

**ARTE PORTUGUESA DO
SÉCULO XIX (1850-1910)**

e

**ADELINO LYON DE CASTRO
O FARDO DAS IMAGENS
(1945-1953)**

DOSSIER DE IMPRENSA

ARTE PORTUGUESA DO SÉCULO XIX (1850-1910)

8 Abril 2011 – 12 Junho 2011

Apresentação à imprensa: 7 Abril. Quinta-feira. 19.00 h

Inauguração: 7 Abril. Quinta-feira. 19.00 h

Piso 2 A

Arte Portuguesa do Século XIX (1850-1910) é a primeira de três grandes exposições que assinalam o ano do Centenário do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, criado por Decreto da República em 26 de Maio de 1911. Perante a impossibilidade de revelar a verdadeira dimensão e a diversidade do acervo numa única exposição, optou-se por apresentar os três períodos da colecção (1850-1910, 1910-1960 e 1960-2011) em três momentos expositivos sucessivos, que cobrem toda a história da arte portuguesa, de 1850 até à actualidade. A primeira destas exposições corresponde ao núcleo fundador da colecção que, historicamente, antecede a criação do MNAC. Através de 100 obras fundamentais dos maiores artistas deste período, exploram-se as rupturas e permanências da arte portuguesa do século XIX (1850-1910), em seis núcleos temáticos que traduzem o espírito da geração romântica e as novidades das propostas naturalistas, entre a descoberta da luz e das atmosferas, a paisagem e os costumes, a afirmação da figura popular, o retrato, o intimismo e os simbolismos de finais de século.

Helena Barranha

Directora

Comunicação e Edição tel. +351 213 432 148 fax +351 2432 151
mnac-mc.anabelacarvalho@imc-ip.pt / www.mnac-museudochiado.imc-ip.pt

DOSSIER DE IMPRENSA

núcleos

A descoberta do natural, da luz e das atmosferas

A paisagem e os costumes – a cidade e as serras

A afirmação da figura popular

O retrato

Symbolismos

O intimismo

100 obras

apresentação dos núcleos

A descoberta do natural, da luz e das atmosferas

Praia de banhos, Marques de Oliveira

Em 1879, Marques de Oliveira e Silva Porto introduzem uma moderna captação da luz na paisagem, na sequência da sua aprendizagem em Paris como bolseiros, observadores atentos das práticas ar-livristas da Escola de Barbizon. Praia de banhos referencia vanguardas internacionais como Manet ou Boudin, e, em conjunto com Charneca de Belas, revela novos entendimentos naturalistas focados em atmosferas luminosas. Já a geração romântica, tardiamente anunciada, sublinhava a importância da pintura captada “do natural”, filtrada por uma luz local, em paisagens que se assumem na sua plenitude dramática e sentimental (Cristino da Silva e Alfredo de Andrade) mas introdutórias e condicionantes dos formulários naturalistas, tendencialmente rurais. Na viragem do século, destacam-se as esculturas de Soares dos Reis, síntese dos valores românticos, assim como de inovadoras propostas naturalistas, e, nos inícios do século XX, António Carneiro e Henrique Pousão marcam o desfasamento de cenários pitorescos pela autonomia do pictórico, construindo monocromias e composições estruturadas em mancha que traduzem ousadas propostas de modernidade. (M.A.S.)

Lista de peças

João Cristino da Silva

Marinha, c. 1855-60

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2355

Alfredo de Andrade

Uma manhã em Creys, c.1861

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 52

DOSSIER DE IMPRENSA

João Cristino da Silva

A passagem do gado, 1867

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 144

António Silva Porto

O Lago de Enghien, 1879

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 3

Artur Loureiro

Campina romana c. 1878

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 5

António Silva Porto

Paisagem tirada da Charneca de Belas

ao pôr-do-sol, 1879

Óleo sobre tela

Col. PNA em depósito no MNAC-Museu do Chiado

Alfredo Keil

Praia Grande, 1880

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 10

Artur Loureiro

Paisagem (Auvers-sur-Oise), c. 1883

Óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 35

João Marques de Oliveira

Praia de Banhos, Póvoa de Varzim, 1884

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 327

António Silva Porto

Azenha; Margens do Ave, 1887

Óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 96

João Vaz

As piteiras, c. 1890-1912

Óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 50

João Vaz

No Tejo (Marinha), c. 1897

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 59

D. Carlos de Bragança

Charneca dos Almos (Alentejo), 1898

Pastel sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1331

DOSSIER DE IMPRENSA

A paisagem e os costumes – A Cidade e as Serras

Volta do mercado, Silva Porto

A “revolução tranquila” de meados do século XIX, proposta pela pintura de paisagem de Tomás da Anunciação, correspondia ao apelo de Almeida Garrett, em *Viagens na minha Terra*, de descoberta do país e do povo. Cinco artistas em Sintra, de Cristino da Silva, sintetiza esta ideia e apresenta nesta pintura os vectores fundamentais das preocupações românticas portuguesas, entre o retrato, a paisagem, os costumes e a importância do local, enquanto que Paisagem, vista tirada de entremuros, observa, através de um “óculo romântico”, enquadrado por ramos e folhagem, o movimento de figuras populares num termo urbano. Silva Porto transfere as suas propostas de quadros modernos para um universo pitoresco, descobrindo permanências narrativas em processos veristas de “penetração do real”, já apontados pela geração romântica e por Alfredo Keil, em realismos incertos. São imagens de uma encantatória castidade ensolarada da vida simples dos trabalhadores rurais que convivem com a representação dos costumes das burguesias urbanas, em encontros elegantes e à beira-mar, numa associação que expressa a relação dicotómica cidade/campo, também caracterizada no romance de Eça de Queirós, *A cidade e as serras* escrito em 1892 e publicado em 1901. (M.A.S.)

Lista de peças

Tomás da Anunciação
Vista da Amora, paisagem com figuras, c.1852
Óleo sobre tela
MNAC-Museu do Chiado, inv. 79

João Cristino da Silva
Cabo Carvoeiro. Nau dos Corvos, c.1855-1860
Óleo sobre tela
MNAC-Museu do Chiado, inv. 2354

João Cristino da Silva
Paisagem e animais. Vista de Entremuros, 1859
Óleo sobre tela
MNAC-Museu do Chiado, inv. 512

Tomás da Anunciação
Na eira, 1861
Óleo sobre tela
MNAC-Museu do Chiado, inv. 25

DOSSIER DE IMPRENSA

Tomás da Anunciação

O vitelo, 1873

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 13

Tomás da Anunciação

Pastora e animais, c. 1880

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 93

Alfredo Keil

Ribas na costa, Praia das Maçãs, c. 1880

Óleo sobre cartão

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1332

António Silva Porto

A vindima, 1881 – 1893

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1392

António Silva Porto

O quinteiro minhoto, c.1881-1893

Óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1579

Henrique Pousão

Paisagem de Capri (estudo), c.1882

Óleo sobre cartão

MNSR, inv. 97/ Pin

António Ramalho

Margens do Sena, Paris, 1882

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1569

António Silva Porto

A volta do mercado, 1886

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 815

António Silva Porto

Margens do rio Nabão, Tomar, 1886

Óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 229

Adriano Sousa Lopes

Veneza (sol posto sobre a laguna), c. 1906-1908

Óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1266(46)

José Malhoa

Praia das Maçãs, c. 1913 - 1918

Óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 584

DOSSIER DE IMPRENSA

A afirmação da figura popular

Clara, José Malhoa

Tal como Garrett, também Ramalho Ortigão, em 1872, apontava para a necessidade de um pintor de costumes e intérprete da realidade humana, sugerindo a importância da representação realista de pitorescos cenários e que encontra em José Malhoa, desde finais do século XIX a meados do século XX, o representante destes sucessivos apelos, tornando-se aplaudido autor de uma “odisseia rústica nacional” (Fialho de Almeida) em tipologias figurativas consideradas caracteristicamente portuguesas. Depois das críticas às novas propostas naturalistas de tratamento da paisagem, do sucesso e aceitação da pintura de costumes, também sugerida e observada nas temáticas literárias, a figura popular, inicialmente indefinida na paisagem, absorve o espaço da composição. Adapta-se ao sentimentalismo e dramatismo da geração romântica, ao realismo de Miguel Ângelo Lupi e a uma visibilidade e afirmação figurativa, com o retrato de uma aguadeira que a visão de Malhoa amplia e promove através de um determinante gosto narrativo e de uma comunicação imediatista das idealizadas vivências rurais. (M.A.S.)

Lista de peças

Francisco Metrass

Só Deus!, 1856

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 500

António Silva Porto

Pequena fiandeira napolitana, 1877

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 4

António José Patrício

A despedida, 1858

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 502

Miguel Ângelo Lupi

Os Pretos de Serpa Pinto, 1879

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 788

DOSSIER DE IMPRENSA

Miguel Ângelo Lupi

Aguadeira de Coimbra, 1879

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 983

António Silva Porto

O campino, 1887

Óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 522

José Júlio Sousa Pinto

Barco desaparecido, 1890

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 54

João Marques de Oliveira

À espera de barcos, 1892

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 326

António Teixeira Lopes

A viúva, 1893

Mármore

MNAC-Museu do Chiado, inv. 212

Ernesto Condeixa

A caminho da fonte, 1894

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 62

José Malhoa

Clara, 1903

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1604

DOSSIER DE IMPRENSA

O retrato

Retrato de D. Helena Dulac Pinto de Miranda, António Ramalho

O retrato expressa a afirmação do indivíduo e uma humanização do retratado que corresponde aos ideais propostos pela geração romântica, à preocupação pelo subjectivismo e a uma necessária referência do estatuto social e artístico, numa situação de projecção das burguesias na Lisboa do Fontismo. O realismo de finais de século, a descrição pormenorizada e a fidelidade ao retratado de Miguel-Ângelo Lupi antecede uma abordagem naturalista que aposta na expressividade, nos cromatismos exuberantes de António Ramalho ou nos destacados rostos de observação psicológica de Columbano, construídos em torno da importância do poder da imagem e da emergência de uma elite intelectual. Também uma galeria autoral de interiorizadas composições em poses narcísicas, desde a melancolia da geração romântica a uma assumida e orgulhosa representação de uma atitude artística, revela o auto-retrato dos principais artistas intervenientes nos processos de mudança, tal como os conjuntos de retratos mostram as principais alterações da sociedade portuguesa através da eleição das personalidades retratadas. (M.A.S.)

Lista de peças

Luís de Menezes

Retrato do Inglês King, 1847

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 462

João Cristino da Silva

Auto-retrato, c. 1854

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1225

Luís de Menezes

Retrato da Viscondessa de Menezes, D. Carlota,
1862

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 463

Miguel Ângelo Lupi

Retrato do actor Augusto César da Rosa, 1866

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 699

DOSSIER DE IMPRENSA

António Silva Porto

Auto-retrato, 1870-1873

Óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1574

José Ferreira Chaves

Retrato de menina, 1872

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1213-A

Miguel Ângelo Lupi

Retrato da Marquesa de Belas, 1874

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 658

João Marques de Oliveira

Auto-Retrato, 1876

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1356

Miguel Ângelo Lupi

Retrato de Ludgero José Avelino, 1877

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 573

Miguel Ângelo Lupi

Retrato de D. Maria das Dores de Sousa Martins,

1878

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 438

Columbano Bordalo Pinheiro

Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, 1884

Óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1004

Columbano Bordalo Pinheiro

Retrato de D. José Pessanha, 1885

Óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 898

António Ramalho

Retrato de D. Helena Dulac Pinto de Miranda,
1888

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 316

Columbano Bordalo Pinheiro

Retrato de Antero de Quental, 1889

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1108

José Ferreira Chaves

Retrato de Artur de Melo, 1892

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1075

Columbano Bordalo Pinheiro

Auto-Retrato, 1904

Óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 634

DOSSIER DE IMPRENSA

Columbano Bordalo Pinheiro

Retrato do Actor Vale, 1907

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. I 121

Simbolismos

Amor e psyché, Veloso Salgado

O Simbolismo anunciou-se na pintura portuguesa através da obra pioneira do portuense Joaquim Vitorino Ribeiro (1849-1928), que deixou uma notícia Pré-Rafaelita inédita, de teor literário. Num meio onde o Naturalismo se converteu em fenómeno dominante, ele desenvolveu-se narrativamente no trabalho de José de Brito, e amadureceu literariamente com Veloso Salgado. Esta narrativa literária de signos encadeados modernizou-se com Sousa Lopes e culminou num pendor sobretudo decorativo, visível na obra de Luciano Feire, uma, das raríssimas pinturas Arte Nova portuguesas. (R.A.S.)

Lista de peças

Francisco Metrass

Camões na gruta de Macau, 1853

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 499

António Soares dos Reis

O Desterrado, 1872

Gesso

MNAC-Museu do Chiado, inv. 189

José Simões de Almeida Júnior (tio)

D. Sebastião, 1877

Mármore

Colecção PNA em depósito no MNAC-Museu do Chiado

Veloso Salgado

No cemitério, 1890

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 33

DOSSIER DE IMPRENSA

Veloso Salgado

Amor e Psyché, 1891

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 61

Adriano Sousa Lopes

As Ondinas (Heine), 1908

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 499

José de Brito

Mártir do fanatismo, c.1895

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1

António Carneiro

Nocturno, 1910

Óleo sobre tela

Ministério da Cultura

Augusto Santo

Esfinge, 1898

Mármore

Museu Grão Vasco, inv. 1118/243

Columbano Bordalo Pinheiro

Retrato de Ida Bordalo Pinheiro

e *Virgínia Lopes de Mendonça*, 1910

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 626

Luciano Freire

Perfume dos campos, c.1899

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 29

António Carneiro

Contemplação, 1911

Óleo sobre cartão

MNAC-Museu do Chiado, inv. 114

O intimismo

Concerto de amadores, de Columbano Bordalo Pinheiro

O interesse suscitado pelas vivências quotidianas, ligado a conceitos de civilidade e a um desejo de afirmação das burguesias, não só através do retrato, mas também da revelação dos seus espaços, transmite, em finais de oitocentos, a importância da captação de momentos diários. Leitura de uma carta, de Alfredo Keil, estudado em atelier a partir de fotografia, precioso auxiliar mecânico para a observação realista de gestos e atitudes, regista uma cena de convívio íntimo e familiar. Interiores de salão, ambíguos cenários de intimismo e retrato focam o acontecimento banal e projectam-no a uma

DOSSIER DE IMPRENSA

escala sobredimensionada em Concerto de amadores, de Columbano, reunião musical de amigos numa temática impressiva, sensitiva e de pintura em mancha, amplamente desenvolvida por este autor. Surgem naturezas mortas, interiores de um não-lugar, indefinido pela expressão de uma realidade pressentida do interior e que combina um realismo estrutural com uma subjectividade ajustada a uma visão sensível e imaginária do real. (M.A.S.)

Lista de peças

Miguel Ângelo Lupi

Mulher com criança ao colo, c. 1871-1875

Tinta-da-china sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 2

Columbano Bordalo Pinheiro

Estudo para o Concerto de Amadores, c. 1882

Lápis sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1524

Alfredo Keil

Leitura de uma carta, 1874

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 455

Columbano Bordalo Pinheiro

Concerto de Amadores, 1882

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 498

Columbano Bordalo Pinheiro

Família do artista, c. 1880-1885

Lápis sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1156

António Simões de Almeida (tio)

Retrato de Pousão, 1883

Aquarela em papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1211(45)

Columbano Bordalo Pinheiro

Retrato de Maria Augusta, 1881

Óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1120

António Simões de Almeida (tio)

Camponesa, 1883

Lápis sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1211(46)

DOSSIER DE IMPRENSA

Carlos Reis

Escultor Alberto Nunes, c. 1886

Óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1343

Veloso Salgado

Retrato de Julieta Hirsch, 1887

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1477

António Ramalho

Retrato de Abel Acácio Botelho, 1889

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1484

Columbano Bordalo Pinheiro

A Luva Cinzenta, 1891

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 56

Columbano Bordalo Pinheiro

Auto-retrato e gatos, 1898

Lápis sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1902

Columbano Bordalo Pinheiro

Auto-retrato e gatos, 1898

Lápis sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1186(14)

Columbano Bordalo Pinheiro

Estudo, c. 1898

Lápis sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1186(38)

Columbano Bordalo Pinheiro

Estudo para retrato, c. 1900

Lápis sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1186(30)

Duarte Faria e Maia

Retrato do pintor Ezequiel Pereira, 1903

Óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1365

Adriano Sousa Lopes

O cinzelador, 1905

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 302

Columbano Bordalo Pinheiro

Frutos de Outono, 1907

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 181

José Júlio Sousa Pinto

O velho Borges, 31 Agosto 1913

Pastel sobre papel

MNAC-Museu do Chiado, inv. 265

DOSSIER DE IMPRENSA

Adriano Sousa Lopes

Efeito de luz, 1914

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 304

Aurélia de Sousa

No atelier, 1916

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 279

Carlos Reis

Engomadeiras, 1915

Óleo sobre tela

MNAC-Museu do Chiado, inv. 1266(46)

Columbano Bordalo Pinheiro

A chávena de chá, 1929-

Óleo sobre madeira

MNAC-Museu do Chiado, inv.630

artistas

Simões de Almeida, Alfredo de Andrade, Tomás da Anunciação, Carlos de Bragança, José de Brito, António Carneiro, José Ferreira Chaves, Luciano Freire, Alfredo Keil, Adriano de Sousa Lopes, Artur Loureiro, Miguel Ângelo Lupi, Duarte Faria e Maia, José Malhoa, Luís de Menezes, Francisco Metrass, Marques de Oliveira, António José Patrício, Columbano Bordalo Pinheiro, Sousa Pinto, Silva Porto, Henrique Pousão, António Ramalho, Carlos Reis, Soares dos Reis, Francisco Resende, José Rodrigues, José Veloso Salgado, Francisco dos Santos, João Cristino da Silva, Aurélia de Sousa, João Vaz.

publicações

Catálogo homónimo editado no âmbito da parceria com a Leya em 2 de Dezembro de 2010.

ficha técnica da exposição

Comissariado: Maria de Aires Silveira

Comunicação e Edição tel. +351 213 432 148 fax +351 2432 151
mnac-mc.anabelacarvalho@imc-ip.pt / www.mnac-museudochiado.imc-ip.pt

DOSSIER DE IMPRENSA

Textos: Maria de Aires Silveira, Helena Barranha, Rui Afonso Santos

Produção: Maria de Aires Silveira

Projecto Expositivo: Helena Barranha e Manuela Fernandes (IMC)

Conservação e Restauro: Departamento de Conservação e Restauro do IMC

Coordenação da montagem: Maria de Aires Silveira e Helena Barranha

Montagem: Iterartis, António Rasteiro, Diogo Branco, Liliana Dias, João Carneiro, Luís Sousa

Comunicação: Anabela Carvalho

Serviço educativo: Catarina Loureiro de Moura com a colaboração de Rita Duro e Rita Salgueiro

Registo: Amélia Godinho com a colaboração de Rita Silva

Logística e Apoio Administrativo: Angelina Pessoa

Secretariado: Isabel Forjó, Conceição Cunha

Recepção e Vigilância: Diogo Branco, João Carneiro, António Chaparreiro, Liliana Dias, Maria José Dias, Sofia Khan, Filomena Maurício, Susete Saraiva, Luís Sousa, Vítor Pereira com o apoio de Inês Moutinho, Isabel Forjó, Ana Marta Pereira e Filipa Simões

Tradução: Kennis Translation Lda.

Design gráfico: Barbara says...

Sinalética: C.E.I.

Transporte: IterArtis

Construção: J.C. Sampaio, Lda.

Seguros: Lusitânia Seguros

agradecimentos

António Filipe Pimentel, José Alberto Seabra, Anísio Franco (MNAA), Rita Sá Marques (IMC), Matilde Tomás do Couto (MJM), Mercês Lorena, Francisca Alberty (Departamento de Conservação e Restauro do IMC), Elvira Marques (MMCR), Nuno Garcia da Silva, Catarina Paiva (Companhia das Quintas)

Adelino Lyon de Castro **◉ Fardo das Imagens (1945-1953)**

8 Abril 2011 – 12 Junho 2011

Apresentação à imprensa: 7 Abril. Quinta-feira. 19.00 h

Inauguração: 7 Abril. Quinta-feira. 19.00 h

Piso 2

Em 2009, O Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado recebeu a generosa e importante doação, por parte de Tito Lyon de Castro, do espólio fotográfico deste autor. Figura de destaque do meio editorial e das letras, tendo fundado com o seu irmão, Francisco Lyon de Castro, as Publicações Europa-América (1945), a sua actividade como fotógrafo é praticamente desconhecida. Apesar de ter sido sempre um amador realizou, entre meados da década de 1940 e 1953, ano da sua morte, um importante conjunto de imagens cuja temática se apresenta coesa e consistente com as suas ideias políticas de oposição ao Estado Novo, assim como ao ideário de um socialismo humanista. O MNAC- Museu do Chiado apresenta, assim, um conjunto inédito de 70 imagens que nos dão a conhecer a face não oficial, e reprimida, da sociedade portuguesa durante o Estado Novo. Nas suas imagens é privilegiado o olhar sobre as mais duras condições de vida dos trabalhadores ou dos excluídos da sociedade, sob a inspiração do ideário do “romantismo revolucionário”(Henri Lefebvre) tão influente para alguns neo-realistas, O fotógrafo legou-nos um extraordinário e inesperado diário visual do labor,

DOSSIER DE IMPRENSA

da pobreza e da exclusão enquanto estados de degradação social, e do papel que a fotografia pode ter enquanto meio de denúncia e ensinamento sobre a realidade. Oportunidade também para reflectir sobre os contornos sempre híbridos e insuficientes de representação da realidade através da leitura e apresentação comparada com as imagens de Lyon de Castro, dos retratos de mendigos do século XIX de Carlos Relvas, dos inventários visuais populares do Estado Novo, de imagens da imprensa panfletária da época e ainda de algumas obras de pintura modernista da colecção MNAC - Museu do Chiado.

Emília Tavares

Comissária

“Ao não instruído é tão difícil ler uma imagem como qualquer hieróglifo”, afirmava Ruth Berlau, colaboradora próxima de Bertolt Brecht, em nota no álbum ilustrado daquele autor, *ABC da Guerra* (1954). Ensinar a ler as imagens fazia parte de todo um programa de transformação social em que a cultura era essencial, em que a consciência do poder manipulatório e enganador das imagens podia ser convertido numa alfabetização sobre todo o complexo de exploração e dominação do sistema social e político. Este aspecto é fulcral para a análise e leitura da obra fotográfica de Adelino Lyon de Castro, sobretudo, quando o cruzamos com as históricas discussões que o movimento neo-realista teve para elaborar uma estética que fosse acessível ao povo ignorante. Colocar os trabalhadores e os excluídos como tema principal em todas as formas de expressão artística não fazia por si só a revolução, era necessário operar todo um processo de consciência da desigualdade social que só assim podia tornar verdadeiras e legíveis as “penas e fadigas do labor”. É por isso significativo que nas imagens de Lyon de Castro exista esse permanente foco nos corpos que cedem perante o “oscilar sob uma carga”, no sentido desse estado de pobreza que se torna abjecta porque “coloca os homens sob o absoluto ditado dos seus corpos, isto é, sob o absoluto ditado da necessidade”(Hannah Arendt). O movimento neo-realista português assimilou de forma esparsa, superficial e insuficiente a capacidade de representação do real da fotografia. Dedicou-lhe alguma atenção pelo pensamento de Mário Dionísio que viu nela uma forma de actuação, interpretação e transformação da realidade, podendo assim defender até a sua feição mais naturalista, na esteira de Henri Lefebvre e do seu “romantismo revolucionário”. As fotografias de Lyon de Castro realizam, assim, esse incessante e híbrido destino de representação da realidade, ao

DOSSIER DE IMPRENSA

mesmo tempo que reafirmam: “não existe realismo crítico sem crítica prévia ao realismo”. (Georges Didi-Huberman). (E.T.)

A obra fotográfica de Adelino Lyon de Castro, pelo seu carácter de representação social e realista da sociedade, invoca também uma reflexão essencial sobre o papel da fotografia e da sua repercussão na representação do real e da sua relação com a verdade. A fotografia estabeleceu com a representação da realidade novos compromissos, dada a sua natureza ontológica de reprodução mimética da mesma, logo, detentora de valores e índices de “verdade”, impossíveis a qualquer outra forma de expressão artística. Assim, nesta sintética e prolixa apresentação de obras equacionam-se alguns dos limites, possibilidades e paradoxos de representação do real e das contingências estéticas, mas também ideológicas, a que a arte e a fotografia, em particular, têm tido de corresponder. Por um lado, a inclusão dos anónimos e desfavorecidos nos temas da arte, desde o século XIX, corresponde a um primado do realismo a que os ecos das revoluções sociais vieram dar corpo ideológico, mas que se esvaziariam na voracidade do consumo burguês pelo exótico. Por seu turno, a politização de alguns dos principais movimentos artísticos, como o Neo-Realismo, trouxe novas problemáticas, como a forma estética mais eficaz de representar a realidade, mas também de divulgar e formar consciência social através da arte. Entre os mendigos encenados de Carlos Relvas e a tipificação pitoresca dos camponeses por parte do Estado Novo, estabelece-se uma forma de representação que retira ao indivíduo a sua espessura para o enquadrar em arquétipos sociais, adequadamente generalistas que o reduzem a uma imagem global, tal como uma marca. O Modernismo português viveu também sempre em resolução, entre a realidade nada harmoniosa de Mário Eloy ou a realidade composta de Abel Salazar, hibridismo que a fotografia chamou a si, quando a resolveu sob o vasto olhar entre um realismo poético e um naturalismo revolucionário. Em qualquer dos casos, a fotografia portuguesa soube, no seu contexto “fronteiriço”, ir dando expressão ao “fardo” ideológico da imagem. Ainda que prevaleça a questão, sendo “a realidade dita social dupla, múltipla e plural, de que maneira assegura ela uma realidade”(Henri Lefebvre), a que a imagem possa conferir representação? (E.T.)

DOSSIER DE IMPRENSA

biografia

Adelino Lyon de Castro

São Martinho do Porto, 1910 – Lisboa, 1953

Editor e um dos mais importantes e interessantes fotógrafos amadores da década de 50 em Portugal, apesar da sua breve carreira e vida. Oriundo de uma família de dez irmãos, com ascendência escocesa pelo lado materno, o seu percurso seria marcado pela proximidade com o irmão Francisco Lyon de Castro, um dos mais fervorosos activistas políticos contra a ditadura em Portugal, com quem fundou as publicações Europa-América em 1945, naquela que viria a tornar-se uma das editoras de referência no panorama editorial português do pós-guerra. A sua linha editorial assentou na defesa da publicação de muitos autores proibidos pela Censura, além de ter apostado na importação de autores estrangeiros, o que levou a incidentes frequentes com a Censura e a PIDE. Em 1952, fundam o projecto do periódico *Ler, Jornal de Letras, Arte e Ciências*, de que Adelino Lyon de Castro viria a ser o editor, mantendo-se a mesma coragem e independência editorial que caracterizava os seus projectos, com a participação regular de nomes como Piteira Santos, José Cardoso Pires, Maria Lamas, Mário Dionísio, António Quadros, José Régio ou Orlando Ribeiro. Aliás, tendo usado como pretexto a morte prematura do seu editor, Adelino Lyon de Castro, em 1953, a Censura viria a proibir a publicação do jornal ainda nesse ano. O cunho marcadamente político e de preocupações sociais da sua actividade editorial viria a influenciar também o seu percurso como fotógrafo amador. O desporto e o campismo foram duas das actividades em que mais se empenhou depois da fotografia e da edição. O seu percurso fotográfico iniciou-se, a exemplo de muitos outros fotógrafos da sua geração, nos circuitos da fotografia de salão promovidos pelos foto-clubes. Pertenceu a uma das associações fotográficas mais relevantes da década de 50, o Foto Clube 6x6, fundado em 1950 e sediado em Lisboa, que teria uma importante actividade salonista a nível nacional e internacional. A sua relação intensa e próxima com os meios literários e artísticos de resistência à Ditadura, aproximou-o das *Exposições Gerais de Artes Plásticas (EGAP)*, imbuídas da estética neo-realista, levando-o à participação na secção de Fotografia na 5ª EGAP, com obras entre um naturalismo *engagé* e o documental denunciatório. Participou em inúmeros salões fotográficos nacionais e internacionais. A totalidade do seu espólio fotográfico foi doada ao Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado em 2009, por Tito Lyon de Castro.

DOSSIER DE IMPRENSA

publicações

catálogo a editar no âmbito da parceria com as Publicações Europa – América, com data de lançamento dia 26 de Maio de 2011.

ficha técnica da exposição

Comissariado: Emília Tavares

Textos: Emília Tavares

Produção: Emília Tavares

Projecto Expositivo: Emília Tavares

Conservação e Restauro: Alexandra Encarnação e Élia Marques (DDF/IMC), Agostinho Oliveira (DCR/IMC).

Inventariação: Divisão de Documentação Fotográfica: Tânia Olim, José António Moreira

Digitalização e Tratamento de Imagem: Divisão de Documentação Fotográfica: Alexandra Pessoa, Cláudia Sequeira, Marta Monteiro

Coordenação da montagem: Emília Tavares

Montagem: IterArtis, António Rasteiro, Liliana Dias, Diogo Branco, João Carneiro.

Comunicação: Anabela Carvalho

Serviço educativo: Catarina Loureiro de Moura com a colaboração de Rita Duro e Rita Salgueiro

Registo: Amélia Godinho

Logística e Apoio Administrativo: Angelina Pessoa

Secretariado: Isabel Forjó, Conceição Cunha

Recepção e Vigilância: Diogo Branco, João Carneiro, António Chaparreiro, Liliana Dias, Maria José Dias, Sofia Khan, Filomena Maurício, Susete Saraiva, Luís Sousa, Vítor Pereira com o apoio de Inês Moutinho, Isabel Forjó, Ana Marta Pereira e Filipa Simões

Tradução: Kennis Translation Lda.

Design gráfico: Barbara says...

Sinalética: C.E.I.

Transporte: IterArtis

Construção: J.C. Sampaio, Lda.

Seguros: Lusitânia Seguros

Comunicação e Edição tel. +351 213 432 148 fax +351 2432 151
mnac-mc.anabelacarvalho@imc-ip.pt / www.mnac-museudochiado.imc-ip.pt

DOSSIER DE IMPRENSA

agradecimentos

Tito Lyon de Castro, Francisco Lyon de Castro (Publicações Europa-América), Filipa Coelho (Epson), Nuno Soares (FinePrint), Alexandra Encarnação e a toda a equipa da Divisão de Documentação Fotográfica do IMC, José Maria Amador e Agostinho Oliveira (Direcção de Conservação e Restauro do IMC), Andreia Galvão e Isabel Falcão (Museu de Arte Popular), Elsa Lourenço (Casa-Museu Carlos Relvas), Cecília Cameira (Arquivo Municipal de Lisboa/Núcleo Fotográfico), Paulo Tremoceiro (Direcção dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo), Anabela Dias (Clube de Campismo de Lisboa).

Outros Olhares

Obras em destaque na Colecção do MNAC - Museu do Chiado

10 Março 2010 – 11 Dezembro 2011

Piso I

O projecto *Outros Olhares* pretende promover uma reflexão alargada sobre a colecção do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado e, simultaneamente, proporcionar uma visão panorâmica da produção artística portuguesa, num arco cronológico que se inicia com o Romantismo (1850-1880) e vai até à Contemporaneidade dos anos 2000.

As obras em destaque resultam do convite endereçado a historiadores de arte, curadores e artistas portugueses, pedindo-se a cada personalidade que seleccione uma obra de arte da colecção do Museu representativa de uma década específica. As exposições rotativas são acompanhadas de um pequeno texto sobre cada obra seleccionada, que constituirá também tema para um debate informal, a realizar mensalmente.

DOSSIER DE IMPRENSA

No final do ciclo, será exposto todo o conjunto de obras deste programa e publicado um catálogo com as imagens e os textos produzidos pelos diversos autores, ficando como registo e testemunho de uma visão múltipla e abrangente da arte portuguesa, de oitocentos à actualidade.

Comissários: Helena Barranha e Rui Afonso Santos

Em exposição

Paisagem tirada da Charneca de Belas ao pôr-do-sol, 1879 de Silva Porto

Ribas na costa, Praia das Maçãs, c. 1880 de Alfredo Keil

Sem título, 1945-54 de Adelino Lyon de Castro

Sem título, 1945-54 de Adelino Lyon de Castro

Conversa com Emília Tavares dia 17 de Abril, Domingo, às 12h30

Edições passadas

Cena de guerra de Christiano Cruz

Conversa com Rui Afonso Santos dia 13 de Março, Domingo, às 12h00

Episódio com um cão de António Dacosta

Conversa com Rui Mário Gonçalves, Domingo, dia 13 de Fevereiro, às 12h00

DOSSIER DE IMPRENSA

A Ceia de Rui Serra

Conversa com o artista dia 18 de Janeiro às 13h00

Menino e varina de Mário Eloy

Conversa com Fernando Rosa Dias dia 18 de Dezembro às 13h00

Kultur 1962 de Joaquim Rodrigo

Conversa com Fernanda Fragateiro dia 18 de Novembro às 13h00

C19 de Joaquim Rodrigo

Conversa com Ângela Ferreira dia 19 de Outubro às 14h30

Teatro de atelier de Fernando Lemos

Conversa com Delfim Sardo dia 18 de Setembro às 13h00

Sabbat - Dança de Roda de António Pedro

Conversa com David Santos dia 18 de Agosto às 13h00

Homenagem a Amsterdão de Jorge Pinheiro

Conversa com João Pinharanda dia 18 de Julho às 13h00

Comunicação e Edição tel. +351 213 432 148 fax +351 2432 151
mnac-mc.anabelacarvalho@imc-ip.pt / www.mnac-museudochiado.imc-ip.pt

DOSSIER DE IMPRENSA

Chorinho de Cândido Portinari

Conversa com Raquel Henriques da Silva dia 18 de Junho às 13h00

Landscape de Julião Sarmento

Conversa com Alexandre Melo dia 18 de Maio às 13h00

O Grupo do Leão de Columbano Bordalo Pinheiro

Conversa com José Augusto França dia 18 de Abril às 13h00

DOSSIER DE IMPRENSA

SALA POLIVALENTE

Em 2011, a programação da Sala Polivalente irá centrar-se nas práticas artísticas da contemporaneidade, designadamente no campo da instalação e da vídeo arte, através de uma sequência de exposições de curta duração (c. de um mês), com um projecto de um único artista.

D' Après Nuno Gonçalves

PEDRO CABRAL SANTO

Sem Dó, com Ré
24.03.11 - 24.04. 11

MARTA WENGOROVIVUS

Objectos de errância
05.05.11 – 12.06.11

Piso 0

DOSSIER DE IMPRENSA

actividades

actividades semanais

visitas guiadas para o público em geral

Maria de Aires Silveira. 12 de Abril. 3.ª feira. 18.30 h

Rui Afonso Santos. 26 de Abril. 3.ª feira. 18.30 h

Adelaide Ginga. 10 de Maio. 3.ª feira. 18.30 h

Emília Tavares. 24 de Maio. 3.ª feira. 18.30 h

Helena Barranha. 7 de Junho. 3.ª feira. 18.30 h

acesso gratuito / marcação prévia: 213432148 / mnac-museudochiado@imc-ip.pt

visitas guiadas desenvolvidas num âmbito pedagógico

Ensino básico e secundário: 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª feira. 10.00-13.00 h

Ensino secundário e universitário: 3.ª e 5.ª feira. 14.00-17.00 h

Grupos culturais, seniores e outros: 4.ª e 6.ª feira. 14.00-17.00 h

acesso gratuito / marcação prévia: 213432148 mnac-mc.catarinamoura@imc-ip.pt;

Férias da Páscoa

12 e 13 de Abril. 3.ª e 4.ª feira

A natureza nos teus desenhos. Atelier dois dias consecutivos

7 aos 12 anos

10.00h às 13.00h e das 14.00h às 17.00h

marcação prévia: tel. 213 432 148 ou mnac-mc.catarinamoura@imc-ip.pt

Participantes: mínimo 6, máximo 12

*As crianças devem trazer almoço e lanche, nestes períodos serão acompanhadas pelos técnicos do museu.

Inscrição 4 euros

Usos e costumes no século XIX. Oficinas pedagógicas para o 1.º e 2.º ano do ensino básico

5, 26 Maio. 5.ª feira. 10.00 -12.30 h

marcação prévia: Catarina Moura, tel. 213 432 148. Limite de uma turma por oficina

Desenho e paisagem. Atelier para Seniores

11, 18 Maio. 4.ª feira. 10.00 -13.00h

marcação prévia: Catarina Moura, tel. 213 432 148. Limite de 14 pessoas

DOSSIER DE IMPRENSA

actividades de fim-de-semana

Desenhar a natureza ao vivo!. Atelier dos 7 aos 12 anos

4 Junho

Sábado. 15.00 – 17.30 h

Inscrição prévia: tel. 213 432 148 mnac-mc.catarinamoura@imc-ip.pt.

Participantes: mínimo 6, máximo 12

Inscrição 4 euros

Arte Portuguesa no Século XIX. Visita guiada para todo o público

10, 17 Abril; 8, 15, 22, 29 Maio; 5, 12 Junho

Domingo. 12.00 h

sem marcação prévia

NOITE DOS MUSEUS

14 Maio – Sábado

DIA INTERNACIONAL DOS MUSEUS 2011

Museu e Memória

18 de Maio – 4ª feira

